



OS FILHOS DO IMPERADOR

CLAIRE MESSUD

Tradução
Santiago Nazarian



O general, dir-se-ia que falando com autoridade, sempre insistiu que, se você cultiva corretamente seu mito pessoal, pouco mais importa na vida. O substancial não é o que acontece com as pessoas, mas o que elas pensam que lhes acontece.

— Anthony Powell, *Books Do Furnish a Room*

CAPÍTULO VINTE E UM

Noite de premiação

ÀS VEZES DANIELLE ACHAVA DIFÍCIL não ter inveja de Marina, apesar dos defeitos dela. Apesar de, por exemplo, Danielle ter secretamente a convicção de que Marina não era tão inteligente quanto ela. Nem tão divertida. Danielle sabia que sua inveja tinha origem em seu lado mais superficial — ela nunca trocaria de lugar com sua amiga por nada: ter trinta anos sem destino a seguir?! —, mas não conseguia conter o sentimento. Lutando com a pomposa e dispersa multidão no saguão, que brilhava reunida em sua festa anual, Danielle, tão conscientemente pequena, com um justo vestido carmesim, preocupada a cada respiração com a exposição trêmula e branca de sua fenda (Marina havia escolhido o vestido: Danielle se permitiu ser persuadida), captou Marina nos braços de seu pai e vacilou ao ser surpreendida por seu olhar esmeralda.

Eles formavam, na multidão, um casal distinto. Danielle percebeu uma aglomeração abrindo-se levemente ao redor deles — o convidado de honra e sua bela filha —, podendo ver mulheres com ombros nus e cabelo armado cochichando enquanto os Thwaite passavam. O grande saguão decorado no qual todos se reuniam, o próprio subsaguão do hotel, reservado exatamente para essas funções, tinha uma sutil aura vitoriana — gessos que pareciam adornos de bolo de casamento enfeitando paredes azuis como a mais fina porcelana inglesa Wedgewood, grandes lustres pendurados, o carpete sobre o qual pisavam lembrando um estilo árabe, uma miríade de cores —, tudo aparentemente velho, mas novinho em folha, a estampa floral do tapete de um brilho penetrante. Nessa versão hollywoodiana de uma clássica Nova York, Marina e Murray avançavam com a autoridade, a obrigação da nobreza dos protagonistas. Deveria ser uma insignificante subclasse social — Danielle

tinha uma visão cética sobre os escritores e jornalistas reunidos, um aglomerado, ainda que refinado —, mas os Thwaite tinham domínio sobre ela: ah, parecia tão fácil!

O vestido de Marina, transparente, de um azul pálido e leitoso, flutuava ao redor de sua silhueta, suavizando sua magreza ossuda, realçando seus braços magros e seu quadril levemente protuberante, iluminando o rosa espontâneo de suas bochechas e seus esplêndidos olhos. Com o rosto abaixado e a cabeça ligeiramente virada, Marina sorria, como uma amante recatada, a algo que seu pai sussurrava em seu ouvido; e pela visão de seus lábios, praticamente roçando no cabelo da filha, Danielle sentia sua inveja renovada. Ela não havia se permitido imaginar totalmente como ela se comportaria com pai e filha juntos, agora que tinha, de uma forma leve e clandestina, relações separadas com cada um deles. Ela sabia que chegariam juntos, que Marina vinha para esse evento apenas como acompanhante de seu pai, mas, de alguma forma, ela não levou a *sério*. Nem havia se lembrado totalmente do rosto que havia por trás dos e-mails: feroz, mas belo, em seu envelhecimento marcado pelo clima; agradavelmente endurecido pela bebida e pelo cigarro; com seu atraente e levemente grande lábio superior e seu queixo ligeiramente partido; e agora ela finalmente reconhecia a origem dos belos traços de Marina. Esse era o rosto, ela estava bem ciente, com o qual conversaria em *particular*, quando se encontrassem para um drinque, apenas dois dias depois, um encontro do qual Marina não tinha nem idéia, nem teria. Tal esquisitice chocou Danielle, enquanto ela observava a intimidade deles, sem ser vista. Murray Thwaite a surpreendeu (e novamente: tão alto, tão grisalho), avistando-a antes de sua filha, apontando e acenando com um largo sorriso inocente. O estômago de Danielle se remexia — como se ela sentisse algo pelo cara! —, mas, mesmo que sentisse, ela se pegou se perguntando, pela franqueza da expressão dele, se a correspondência preocupada de Murray Thwaite era mesmo tão puramente, como ele colocava, voltada aos interesses de sua filha. Teria Danielle apenas imaginado, inventado — quão patético! — o flerte subliminar? Apesar de que, quando se aproximaram, ela podia jurar que o olhar dele se demorou um pouco mais, momentaneamente, sobre a linha do seu pescoço e a justeza do seu vestido.

— Sr. Thwaite. — Ela estendeu a mão e se inclinou para a frente, e ele ao mesmo tempo pegou sua mão e beijou sua bochecha, o que ela considerou novamente um avanço impróprio e provavelmente cheio de sentidos ocultos. — Marina, você está maravilhosa.

— Como sempre, não? — disse Murray, com uma benevolência que parecia mais do que paternal. — Você também está encantadora.

— Eu a fiz comprar esse vestido, papai. — Marina deslizou um braço sobre o ombro de Danielle. — Não ficou ótimo?

Murray Thwaite sorriu novamente.

— Ela não ia nem experimentar. Dei uma olhada nele na loja e disse: “Você precisa ter peitão para ele”, e Danny tem peitão. Foi assim mesmo, né, Danny?

— Cuidado, Marina, acho que sua amiga está ficando da cor do vestido. — Ele fixou os olhos em Danielle. — Mas ela não está errada, você sabe.

Danielle se recompôs suficientemente para rir; estava prestes a responder, mas Murray Thwaite virou-se e ficou ocupado com um careca baixinho com rosto de macaco enfiado num *smoking* de veludo.

— Editor — sussurrou Marina. — Chato e totalmente entediante. Mas estranhamente poderoso. Sabem como é.

— Lógico. O bar fica por aqui. Podemos encontrar um garçom no caminho.

O caminhar delas foi lento. A cacofonia dos beijinhos e das fofocas ecoava ao redor.

— Julius não vem, vem? — perguntou Danielle, quando finalmente pegaram taças de champanhe com uma jovem de gravata-borboleta.

— Ele não disse nada, então acho que não. Deve fazer parte da tentativa dele de parecer invisível. Imagine: *ele* perdendo *isso*? Mas vou encontrá-lo ainda nesta semana.

— Vai?

— Não faça isso. Eu teria convidado você, mas ele disse que quer conversar sobre certas coisas.

— Só que não comigo?

— Você está sendo boba.

Danielle deu de ombros.

— Acho que ele me colocou na lista negra dele. Mais do que colocou você. Não faça essa cara. É porque você é uma Thwaite, ou algo assim, e porque você vai ser mais aceitável para o Cabeça de Cone.

— Isso é paranóia. Eu também não o conheci.

— Mas aposto que vai conhecer.

Marina fez um leve gesto teatral com sua taça de champanhe, que por pouco não bateu no pescoço rapado e brilhante de um cavalheiro mais velho ao lado dela.

— Julius desistiu de tudo isso — disse ela. — Deve ser por causa de alguma coisa.

— O que há para desistir? — perguntou Danielle, que já tinha terminado seu champanhe e estava procurando na multidão pela garçonete de gravata-borboleta. — Olhe para essas pessoas. Queremos mesmo ser assim? Todas bajuladoras, parabenizando umas às outras?

— Estão dando um prêmio ao papai, lembra-se? Nesta noite, gostamos delas.

Quando um outro garçom passou, Danielle depositou sua taça vazia e pegou uma substituta, sem ter de pedir para ele parar.

— Eu sei, eu sei. Mas não podemos ser sinceras por apenas um minuto? Olhe para esses palhaços vaidosos, enfiados na roupinha de domingo, um querendo ser mais importante do que o outro: é ridículo.

— É? Você não quer ser mais importante do que os outros? Você, acima de todos?

Danielle bufou. Marina estava perturbando-a. Isso era parte do jeito de Marina, uma devoção obtusa aos mais óbvios símbolos de status.

— Seu pai entenderia o que quero dizer — disse ela. — Ele nunca dá a mínima para o que essas pessoas pensam, esses déspotas de poltrona que nunca deixaram seus círculos sociais minúsculos de Nova York. Ele sai, faz as coisas dele, escreve e diz do que precisa e todos vêm até ele. Então ele realmente é importante. Não como esses zeros à esquerda, que passam a vida em festas como esta.

— Uau, Danny. O que está pegando?

O monstro de olhos verdes, pensou Danielle, está me pegando de jeito. Mas ela simplesmente deu um gole, sorriu e ajustou o vestido.

— Além disso, você está errada sobre o papai, sabe? É claro que ele liga. Ele finge não ligar porque é essa a pessoa que ele quer ser. Ou melhor: é a pessoa que querem que ele seja. Mas você tem que ligar, ou não vai ter sucesso. Eu observei tempo o bastante para saber que é verdade. Você não terá sucesso, por exemplo, reclamando desse jeito.

Danielle respirou fundo e fechou os olhos. Quando você se deixa acreditar que Marina é um pouquinho limitada, ela vem com alguma alfinetada irritante. Danielle e Julius freqüentemente conversavam sobre isso — na época em que se falavam, claro. Então não havia motivo para Marina ser condescendente ou implicante: era fácil se apegar a determinadas certezas quando se era filha única de Murray Thwaite e ainda se tinha a beleza como diferencial. Talvez Marina tivesse simplesmente necessidade de se importar com sucesso, pensou Danielle amargamente, mas mal precisasse mover um dedo para tê-lo. Seu empenho em elogiar era muito menos importante do que o verdadeiro trabalho que produzia — trabalho que no momento parecia cada vez mais caminhar para o precipício. Seu chefe não tinha esgotado a questão da revolução? “Parece tão ultrapassado”, disse Nicky. “Tão anos 1970. Um simples sarcasmo inteligente não significa revolução, Danny. É preciso muito mais do que isso.” Ela tentou novamente explicar o que via como a revolução do niilismo por toda Nova York, o particular cinismo redentor na crista da onda — ela colocou dessa forma, achou que soava muito bem —, mas Nicky não comprou a idéia. Ele se importava demais com o sucesso: será que ela não podia escolher um vencedor?, perguntou ele, rindo.

— Não reconhece aquele homem de algum lugar? — O tom de Marina alternara-se para o conspiratório enquanto ela apontava com suas unhas roídas para a esguia figura de Ludovic Seeley. O terno dele tinha um corte impecável, mas seu portador não estava usando *black-tie*: não quis, supôs Danielle, para deleite da alta sociedade.

— É Ludovic Seeley. O australiano que está editando aquela nova revista, *The Monitor*. Você o conheceu comigo, quando minha mãe estava aqui.

— Ele é mais bonito do que eu me lembrava. Parecia meio magrelo no Metropolitan Museum.

— Ou talvez o sucesso o tenha tornado mais... bem, mais. — Danielle não estava certa de que Marina entenderia seu sarcasmo. Ela desistiu, mudou o tom. — Ele é de fato um cara bem interessante. Meio cobra criada, creio, mas interessante. — Ela pausou. — Eu disse a ele que devia fazer uma proposta de emprego pra você.

— Que tipo de emprego, exatamente?

— Um que desse uma boa reputação, claro.

— E o que ele respondeu?

— Pergunte você mesma — disse Danielle. — Acho que ele está vindo pra cá. — E, novamente, ela tentou, tão sutilmente quanto possível, ajeitar a fenda em seu vestido carmesim antes que Seeley chegasse e a cumprimentasse, beijando sua mão.

— Danielle Minkoff — disse ele, com seus olhos intensos e firmes quase apaixonadamente nos dela. — É meu dia de sorte.

— Por quê?

— Acabei de subir para ir ao toalete e chequei o mapa das mesas. Dividiremos uma.

— Ah, sim?

— Tomei a liberdade de trocar os números, e agora sentaremos lado a lado.

— Nossa, como estou lisonjeada.

— Não fique, eu estava mesmo tentando me afastar daquela viúva rica e poderosa do *The Observer*. — Ele se virou para Marina, dando meia-volta. — Já nos encontramos, srta. Thwaite, na companhia de Danielle, claro. Há cerca de um mês. Ludovic Seeley.

— Claro.

Danielle pôde ver algo peculiar acontecendo com Marina, uma inibição psicossomática que a tornava mais esguia e menos presente. Era o equivalente pessoal de Marina ao ajeitar o vestido de Danielle. Isso significava que ela gostava dele. E ele? Danielle tentou captar a intensidade do olhar do cara sobre sua amiga, mas julgou que, no mínimo, ele se mostrava menos cavalheiro e obstinado — na verdade, menos galanteador — do que com a própria Danielle.

Os três subiram juntos as escadas, apertados pelo calor das massas que afunilavam no saguão subindo, derramando-se no cavernoso salão de

baile com enormes lustres. Lá, as mesas estavam tão encaixadas que não havia como passar por elas uma vez que os convidados estavam sentados. Nesse espaço maior, o barulho aumentou: ecoava e diminuía novamente, como um cobertor cobrindo todas as conversas, e as palavras de Marina para Seeley não foram captadas por Danielle, que escutou apenas: “Encontro você mais tarde. Vou achar meu par.” Então Marina seguiu para a mesa de honra, atrás da qual Murray Thwaite podia ser avistado circulando, cigarro ainda não aceso na mão, parcialmente encoberto por um explosivo e ofuscante arranjo de flores.

Esse arranjo — feito de aves-do-paraíso e de plantas australianas como *waratah* e *kangaroo paw* (e isso, misteriosamente, na breve estação de peônias) — era repetido em menores proporções em cada uma das mesas, flores que, em seus feixes amarrados com curtos caules e seus tons vulgares de vermelho, laranja e violeta subiam acima dos convidados como se fossem uma paródia de suas vidas grotescas.

— A viúva está mais para o *waratah* — cochichou Seeley para Danielle —, e essa outra está mais para uma ave-do-paraíso. — Ele apontou uma quarentona alta e ossuda que passava diante de seus assentos. Guiada por sua tromba aristocrática, ela usava uma infeliz jaqueta drapeada de seda tingida à *tie-dye* de amarelo. A viúva, era verdade, lembrava uma *waratah*: corpulenta e ouriçada, enfiada num vestido vermelho cujas linhas e cores serviam apenas para acentuar a imensidão de seus seios. De cabelos grisalhos, rosto duro e uma boca de sapo, ela se chamava, inadequadamente, Serena Ballou.

— O balão eu posso ver — comentou Seeley em voz baixa. — A serenidade, infelizmente, não.

— Cuidado — disse Danielle. — Eu também estou usando vermelho.

— Carmesim é totalmente diferente. É um belo vestido; você está maravilhosa.

— Por favor, não tire sarro de mim. Pelo menos eu sei o que é o quê.

— Você dispensa minhas tentativas de galanteio? Que vergonha. Mas sou profundamente sincero. Você tem um ótimo olho para o que fica bem em você. Realmente.

— Marina escolheu o vestido — disse Danielle sem pensar, depois se arrependeu.

— Uma amiga boa e útil — disse Seeley. — Grude nela.

— É a intenção.

— Me pergunto se alguém pode se enganar tanto tempo com o pai — continuou Seeley.

— Já passamos desse assunto, não é?

— Claro. Mas tenho mais motivos para falar mal dele quando as brilhantes mentes da mídia da cidade se reúnem como um rebanho para premiar sua mediocridade. Um festejo mútuo. Muito mau gosto.

— Isso soa como se as brilhantes mentes da mídia tivessem uma opção melhor.

— Não têm?

— Quero dizer que a escolha deles é sempre desprezível. Vemos as mesmas coisas, mas de lados opostos: eu conheço Murray Thwaite e acho que ele se deprecia ao aceitar esse prêmio, porque essas pessoas, esse júri de supostos “nobres”, são tão temíveis e medíocres. Você acha que Murray Thwaite é medíocre e por isso considera medíocre o prêmio em si, e talvez o júri também porque ele está sendo homenageado. Mas isso o torna um apoiador da instituição. Não é uma posição muito radical, é?

— Ou talvez eu nivele o prêmio e seu agraciado com igual desprezo, o que me torna ao menos lúcido.

— Então por que está aqui, Ludovic?

— Por que, na verdade, você está?

Danielle ergueu a taça.

— De cavalo dado não se olham os dentes, sabe. Nunca se sabe o que se pode aprender, mesmo aqui.

— É por aí — concordou Seeley. — Observe os animais em seu *habitat*.

— E você é o lobo em pele de cordeiro?

— Só um homem grato por ter uma pele com que se cobrir... — Seeley arrumou a faca e o garfo em seu lugar — ...quando parece que tantos entre nós estão totalmente despidos.

Danielle não conseguiu deixar de olhar para baixo, de repente e absurdamente com medo de que seu vestido pudesse ter saído do lugar e revelado o seio.

— A nudez, mesmo metafórica, de algum jeito emana de mim — acabou respondendo ela. — Todos se vestem demais.

— E, por se importarem demais, se expõem. Mesmo aqueles que violam as regras para passar uma mensagem.

— Está falando de você.

— Sim, sim, é a minha descrição. E, procurando passar uma mensagem, procuramos o reconhecimento da audiência.

— Mas então mesmo as pessoas que optam por não vir, que ficam em casa vendo TV, mesmo elas estão envolvidas, segundo sua tese. Estão passando algum tipo de mensagem.

— Exato.

— Bem, se você não pode fugir do sistema de forma alguma, então qual a utilidade de pensar nisso?

— Esqueceu-se de seu Napoleão, Danielle querida.

— Lá vamos nós de novo.

— Não faça essa cara. Se você não pode fugir do sistema, precisa simplesmente *se tornar* o sistema.

— Transformá-lo de dentro.

— Não, de forma alguma. Não de dentro. Essa noção é enganosa. Já passamos por isso. Você se torna o sistema. Se torna o que as pessoas querem ser.

— Se conseguir adivinhar o que é isso.

Ludovic a olhou com escárnio.

— Hoje, absurdamente, parece ser o Murray Thwaite.

Danielle sentou-se reta na sua cadeira. O vinho e o calor do salão haviam pintado grandes manchas coloridas em suas bochechas, e ela podia senti-las.

— Eu mesmo ficaria bem feliz de ser o Murray Thwaite. Ele escreveu muitas coisas importantes e honestas.

— Essa é exatamente minha teoria. Até você queria ser esse velho preguiçoso.

— Então não se importaria de conhecê-lo, não é?

Seeley esticou um braço atrás da cadeira de imitação de bambu de Danielle e inclinou-se em direção a ela. Seu rosto, pálido, oval, nabokoviano, tinha um ar perturbadoramente predatório.

— Isso é uma proposta?

— Bem, pode ser. Mas só se você prometer se comportar.

— Acredite em mim, se não entendo de boas maneiras, de nada mais entendo. Minha mãe se prendia a esse quesito. Mas eu adoro observar os animais, em especial em seu *habitat*. Isso, sim, adoro.

A oportunidade de Danielle apresentar Seeley a Thwaite demorou um certo tempo. Primeiro vieram as complexas saladinhas com molho vinagrete de framboesa e lascas de queijo que pareciam antenas; depois os medalhões de filé brilhando no molho e as duras torres de batatas gratinadas. Havia vinho branco e tinto, água mineral com e sem gás; e, então, antes da sobremesa, a seqüência de discursos. Uma voz aguda de homem preencheu o salão. Era, Danielle enxergava, o editor careca com roupa de veludo que havia chamado Murray Thwaite durante o coquetel. Num eco, soltou o discurso anual sobre a Associação dos Jornalistas e seu casamento, nos anos 1960, com o Writers Guild, o sindicato dos escritores que deu origem a essa organização única na qual autores de tão diferentes setores podem se unir.

— Onde o *waratah* e a ave-do-paraíso se unem — cochichou Seeley, acenando para madame Ballou, cujo queixo duplo parecia tremer sobre sua jaqueta vermelha e cujos olhos iam se fechando conforme o discurso avançava; enquanto isso, por detrás dela, várias mesas atrás, mas numa linha visual sem obstáculos, sentava-se o torso de seda amarela que ele notara anteriormente, encimado por seu nariz longo e trêmulo. De um ângulo entre Seeley e Danielle, o nariz parecia pular do penteado de Serena Ballou. O pomposo homenzinho — apenas um vice-presidente, como transparecia, já que ele ainda tinha de apresentar o encouraçado de lan-tejoulas que era a presidente da associação (“Ou devo dizer, em respeito a ela, presidenta”, se corrigiu ele com uma voz anasalada) — meandrava da história até a missão atual (“A-ha”, suspirou Seeley, “vê, há uma missão! Isso por si só já pode ser um plágio. Por que não minha missão, me pergunto?”) e da missão atual para o prêmio anual, tão cuidadosamente escolhido, para o indivíduo cuja contribuição à palavra escrita... (“Uma confusão da missão”, sussurrava Seeley, “ou os profissionais televisivos não podem ser eleitos?”.) O homenzinho, cujo nome era supostamente conhecido, por isso nunca mencionado, despediu-se, por fim, voltando